

COMENTÁRIOS

O Handbook of the Birds of the World e a Bioacústica

O *Handbook of the Birds of the World* (HBW) é, sem dúvida, um marco da Ornitologia mundial na era moderna, marco que surpreendeu a comunidade internacional quando surgiu em 1992. Foi um pequeno grupo de ornitólogos catalães que tiveram a ousadia de lançar a obra na qual todos sonhavam, mas ninguém tinha coragem de se propor a fazer. De fato, a idéia já estava no ar há anos e faltava somente um consenso entre as lideranças ornitológicas internacionais; mas, como cada um ameaçava desautorizar os outros, ninguém tomava a iniciativa, até surgir o presente HBW. Na minha opinião, tudo começou em 1973, quando, após quase um século de esquecimento, a iconografia ornitológica voltou a cena com duas obras antológicas: *Parrots of the World* de Forshaw com ilustrações de Cooper e *Curassows and related birds* por Delacour e Amadon com ilustrações de Gilbert, Sutton e Henry. O impacto dessas publicações foi enorme por duas razões: resgatou a qualidade das obras ornitológicas famosas do século anterior e, sobretudo, mostrou o potencial editorial de novos livros de alto nível científico e artístico sobre as aves do mundo. De fato, nas resenhas desses livros que escrevi na época, chamei a atenção sobre as possibilidades de edição que abriam: “na minha opinião, a obra cuja necessidade inconsciente é a mais forte e cuja vantagem para o progresso da ornitologia seria mais evidente, é uma iconografia completa das aves do mundo com as referências taxonômicas e museológicas de praxe” (Vielliard, *Alauda* 42, 1974, 351-352; minha livre tradução) e eu acrescentava em seguida (*Alauda* 42, 1974, 509-510) que este tipo de publicação era o “modelo que gostaríamos de ter para cada família de aves do mundo”. Por razões mercadológicas, prevaleceram até hoje as obras regionais, mas cresceram as publicações abordando determinadas famílias de aves de maneira exaustiva. Todavia, à medida que se multiplicaram a partir de 1973 as publicações ornitológicas de alto nível, percebeu-se que a cobertura era muito irregular, com grupos ou faunas tratados repetidamente e outras aves esquecidas. Ficou claro que a única maneira de evitar essas lacunas era uma abordagem mundial. Foi o que a equipe liderada por Josep del Hoyo percebeu e, sem alarde, executou. O projeto do HBW incluiu desde o início todos os requisitos para ser

esta referência completa tão desejada: cada espécie deve ser ilustrada em cores com suas principais variações etárias, sexuais e geográficas, deve ser totalmente referenciada taxonomicamente (incluindo gênero original e localidade-tipo), ter mapa e texto de distribuição geográfica, comentários sobre morfologia, reprodução, comportamento, voz (o ponto fraco do HBW), habitat e eventuais particularidades, e referências bibliográficas relevantes. O HBW cumpriu esses requisitos e acrescentou dois outros itens que certamente ajudaram a viabilizar a comercialização do produto final: uma informação precisa sobre o *status* de preservação que valeu o patrocínio do então ICBP ou CIPA-Conselho Internacional para a Proteção das Aves, e uma ilustração fotográfica de primeira classe para acompanhar a apresentação geral de cada família. Temos de reconhecer que o resultado final é extremamente feliz e fornece não somente todas as informações básicas esperadas desta obra, mas também uma qualidade de imagem e texto muito atrativa.

O primeiro volume do HBW apareceu em 1992 com um prefácio (“foreword”) de meia página consistindo de uma mera apresentação da obra pelo Diretor Geral do patrocinador, o CIPA, Dr. C. Imboden. Tratando magistralmente das famílias Struthionidae até Anatidae, sem inovações mas de maneira exaustiva, a publicação sacudiu a comunidade ornitológica oficial. Tanto que, no segundo volume, aparecido em 1994 e tratando dos Cathartidae até os Numididae, Walter J. Bock, então Secretário Geral do IOC (Congresso Internacional de Ornitologia), usou o espaço do prefácio para, em três páginas, justificar, provavelmente a contra-gosto, o uso de uma sistemática um tanto antiquada para uma obra deste calibre. Como cada um queria impor sua filogenia e ninguém aceitava um consenso, todos tiveram que pegar o bonde do HBW andando! Agora, os editores do HBW sofrem pressões para incorporar mudanças na sistemática de certos grupos, mas a ordem geral, bem conservadora, está definida. A sistemática usada pode ser atrasada e às vezes um pouco incoerente, mas isto não atrapalha os objetivos da obra. O importante era manter o perfil e a coerência do conjunto. Isto foi atingido nos volumes seguintes, que mantiveram um ritmo de publicação

impecável: o terceiro, dos Opisthocomidae aos Alcidae, em 1996; o quarto, dos Pteroclididae aos Cuculidae, em 1997; o quinto, dos Tytonidae aos Trochilidae, em 1999; e o sexto, dos Coliidae aos Bucerotidae, em 2001. Todavia, o material, particularmente fotografias e textos gerais, aumentou no último volume, que devia encerrar os Não-Passeriformes, e a obra que era prevista em 14 volumes está agora estimada em 16 volumes.

Um elemento que contribuiu à inflação do HBW é o prefácio, que passou para seis páginas no volume 3 com as considerações de Robert Bateman sobre “nature art”, e pulou para textos acadêmicos com título: 14 páginas no volume 4 (o conceito de espécie em ornitologia, por J. Haffer), 16 páginas no volume 5 (normas de avaliação dos riscos em aves, por N. Collar) e 42 páginas, sendo 12 de referências bibliográficas, no volume 6 (bioacústica, por L. Baptista e D. Kroodsma). Antes de analisar este último texto, me pergunto se o HBW é o lugar adequado para sua publicação, se acrescenta algo útil à obra ou se ela não está se afastando dos seus objetivos originais. Exceto pelo fato de que a manipulação do HBW não facilita a consulta de um texto de referência como este, considerarei a seguir este texto independente do HBW, que, aliás, ainda considero a publicação prioritária para todo ornitólogo adquirir.

O estudo da Bioacústica nas aves, objeto do texto elaborado primeiramente por Luis Baptista e concluído, após seu falecimento repentino em junho de 2000 (ver minha necrologia em *AnimalPet* e em *AO*), por Don Kroodsma, é um campo de pesquisa relativamente recente, mas já bem estabelecido e em constante expansão. Todavia, até hoje, falta um texto básico de referência sobre esta matéria, oferecendo de maneira clara e objetiva as premissas físicas, fisiológicas e funcionais da comunicação sonora. No lugar disto, temos uma bibliografia crescendo de maneira exponencial sem coerência metodológica, nem nomenclatural. O presente texto poderia ter fornecido essas bases, como foi feito nos volumes anteriores por Haffer sobre o conceito de espécie e por Collar sobre as normas de classificação das ameaças de conservação das espécies. Deixando passar tal oportunidade, os autores oferecem um ensaio pessoal sobre alguns aspectos da comunicação sonora em aves. Assuntos como a fisiologia funcional da recepção acústica ou o reconhecimento individual, são ignorados; outros, como a física da emissão ou as regras de propagação sonora, são tratados de maneira incompleta. Por exemplo, uma sugestão publicada por Podos em 2000 segundo a qual a morfologia do bico poderia determinar o espectro sonoro emitido pela espécie é comentada em detalhe, página 17, com considerações dos autores sobre as implicações evolutivas que isto provocaria, enquanto

trata-se de um palpite sem nenhuma base física explicativa: um exemplo, entre outros, de “má ciência” ou, na melhor das hipóteses, de teoria a ser discutida num trabalho técnico e não num texto de referência geral. Outro exemplo para lamentar é a menção, página 18, a propósito da transmissão (na verdade propagação) do sinal sonoro, de que o trabalho pioneiro foi o de Morton em 1975, fato que além de ser irrelevante é sabidamente errado, o artigo de Morton tendo sido inspirado diretamente da publicação de Chappuis em 1971! Os trabalhos de grandes grupos, como os de Aubin sobre as estratégias de reconhecimento individual entre pais e filhos de pingüins, são totalmente ignorados ou, como o de Dabelsteen sobre a resposta ao play-back, mencionados sem detalhes e aparentemente somente para constar. Aumentando ainda mais a confusão, são os palpites que dezenas de colegas foram induzidos a fornecer em resposta à indagação: “de qual pergunta você gostaria de uma explicação?”, e que foram transcritos sem nexos na margem do texto.

O presente ensaio é bem escrito e editado, com algumas figuras interessantes, mas dá a impressão de ser somente uma defesa dos pontos de vista dos autores. Felizmente, eles têm interesses bastante amplos, particularmente nas questões de aprendizagem, muito bem tratadas. Infelizmente, eles têm pouca experiência com aves que não sejam Oscines de regiões temperadas, quer dizer sobre modos alternativos de comunicação. Isto não é culpa deles, mas eles deveriam ter dado um tratamento mais balanceado entre as diversas ontogêneses e estratégias de comunicação. O grande problema é que o texto é apresentado como uma referência universal sobre este importante campo de pesquisa, onde a contribuição da Ornitologia é determinante: seria excelente para discussão entre pesquisadores, é falho como referência para os leitores do HBW.

O HBW começou muito bem, já está chegando ao meio do caminho, mas deve tomar cuidado para não perder seu rumo. Se quiserem aproveitar o espaço do prefácio de cada volume, os editores precisam orientar os autores a fornecer textos básicos sobre os temas escolhidos e não ensaios promocionais de suas pesquisas. Lamento que meus queridos amigos Luis Baptista e Don Kroodsma erraram o enfoque do seu texto: ele tem seu valor, mas está fora de propósito aqui. O desafio continua: produzir uma referência completa, atualizada e objetiva sobre o campo da Bioacústica.

Jacques M. E. Vielliard

*Departamento de Zoologia, Universidade Estadual de Campinas, Caixa Postal 6109, 13083-971 Campinas, Brasil.
E-mail: jacques@unicamp.br*